

A longa vida dos símbolos

Rodrigo Fonseca Fernandes

Desvendar as galerias da gruta de Lascaux, na França, e explorar os traços e pinturas há cerca de 17 mil anos dispostos em suas paredes de pedra calcária. Essa é uma experiência que podemos fazer percorrendo os artigos do livro *Os símbolos vivem mais que os homens*. A partir da afirmação de Harry Pross, “os símbolos vivem mais que os homens”, os autores analisam diferentes fenômenos utilizando referenciais da Teoria da Mídia e das teorias da cultura. Os textos foram apresentados no 2º Encontro Internacional promovido pelo CISC – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, realizado em São Paulo, em outubro de 2004.

Nesta resenha, nos propomos a compreender o conjunto dos textos como se estivéssemos visitando a gruta de Lascaux, percorrendo galeria por galeria, cada qual com suas peculiaridades, mas todas pertencentes ao mesmo conjunto de símbolos que insistem em viver.

Começamos o passeio pela Galeria do Homem Morto (*Puits*), cuja principal imagem ilustra a capa do livro. Nela incluímos os artigos sobre morte, sangue, simbologias e imaginação. Em “A volatilização do sangue”, Norval Baitello Junior nos apresenta, por meio da metáfora do vampiro, o sangue como fluxo que define a vida e o tempo. A imagem, vista como sangue, flui pelos meandros da luminosidade, da visibilidade e do espaço público. O sangue negro, da tinta impressa que culmina no iconoclasmo dadaísta. O sangue jogo, dos homens de Lascaux que antes fabricavam e depois jogavam com imagens. O sangue luz, do imaginário nas tintas das rotativas com as imagens se esvaindo com rapidez.

No artigo de Christoph Wulf, “Linguagem, imaginação e performatividade”, são desenhados três paradigmas transdisciplinares: linguagem, imagem e representação. No último, onde “o agir cultural é visto como encenação e

Os símbolos vivem mais que os homens: ensaios de comunicação, cultura e mídia

Norval Baitello Junior,
Luciano Guimarães,
José Eugenio de O.
Menezes e Denise
Paiero (Orgs.)

São Paulo: Annablume,
2006, 258p.



representação” (p. 37), Wulf vê o corpo como centro da pesquisa antropológica. Partindo do poema de Jorge Luis Borges “O elogio da sombra” e dos pensadores do ceticismo antigo em “Ficção e luto”, Gustavo Bernardo mostra como negamos e protelamos a morte através de ferramentas simbólicas como os rituais fúnebres e textos de ficção.

O texto de Luiz Carlos Iasbeck, “A opressão pelo símbolo”, traz a preocupação com as organizações. Como produtoras de textos culturais, as organizações “criam, fomentam e articulam símbolos que sintetizam e cristalizam formas fixas de pensar, agir e reagir, não permitindo que seus colaboradores manifestem singularidades ou peculiaridades indesejáveis e incontrolláveis” (p. 251).

A Galeria das Pinturas (*Diverticule Axial*) é considerada a “Capela Sistina” da gruta. Relacionamos com esta galeria os textos sobre religiosidade, como o de Malena Segura Contrera, “A dessacralização do mundo e a sacralização da mídia”. A visão é um sentido de distância; possibilita, num contexto de superpopulação, vivermos uma proximidade obscena e buscar-

mos na visibilidade da TV um lugar de participação “segura”. Porém, quando perdemos a experiência do sagrado, nos lançamos às imagens, tornando sagradas as mídias.

Ainda na linha da sacralização no contexto dos meios, Alberto Klein nos apresenta “O sagrado em videoteipe: deslocamentos televisivos do espaço e do tempo na religião”. Tomando o exemplo das transmissões dos cultos do missionário R. R. Soares na TV, o autor nos questiona sobre o fim do “templo” como o centro do mundo e sobre como as imagens gravadas em videoteipe podem ter efeitos num ritual que deveria ser presencial. Os pesquisadores Adriana Bittencourt e Fernando Oliveira estudam a problemática da representação do corpo no artigo “A imagem dos corpos, a imagem dos deuses”. Constatam que os homens, cientes de suas fraquezas, investem contra os deuses e os recriam à sua maneira, por meio de símbolos e imagens.

Como parte da Galeria Principal (*Nef*), ponto de conexão com a maioria das outras galerias, podemos incluir os textos de Denise Paiero, Günter Gebauer e Rodrigo Sartori. Começamos observando o artigo de Denise Paiero, “O corpo em protesto”, elaborado a partir da classificação das mídias proposta por Harry Pross: mídia primária, secundária e terciária. Segundo Paiero, o corpo, mídia primária, também é utilizado em manifestações de protesto como suporte de uma mensagem, ou seja, como mídia secundária. Futebol é o tema de Günter Gebauer em “A antropologia da imagem em movimento e o futebol”. Nesse artigo, os gestos são estudados como imagens de movimento formadas culturalmente. No futebol, a performance do pé sobre a superfície do campo nos fascina por seu caráter de imprevisibilidade. Em “Resistência e releitura antropofágica, estudos culturais e (in)disciplina”, Rodrigo Browne Sartori apresenta, em diálogo com o conceito de iconofagia proposto por Baitello, uma releitura do movimento antropofágico brasileiro.

O jornalismo e suas imagens, por vezes saturadas, sem o tempo de contemplação pressuposto pelas imagens artísticas: esses são os temas que relacionamos com a Câmara das Gravuras (*Abside*), uma pequena galeria que

abriga o maior número de imagens, cerca de seiscentas. Luciano Guimarães explora “O jornalismo visual e o eixo ‘direita-esquerda’ como estratégia da imagem”. Por meio da disposição espacial das imagens nas páginas, recorrendo a exemplos da revista *Veja* e do jornal *Folha de S.Paulo*, o autor mostra as estratégias de construção do imaginário e critica a limitada formação dos jornalistas para o trato com as imagens. Com o artigo “O encontro no cinema”, Josimey Costa da Silva coloca o cinema como um importante meio de vinculação, principalmente nas seções expostas em espaços públicos, nos quais a comunicação se expressa como teia de trocas simbólicas.

Ao final da expedição, a última galeria é também a mais modesta, estreita e mal preservada. Na Galeria dos Felinos (*Diverticule des Félines*), podemos reunir os textos sobre a sonoridade, muito desconsiderada numa época de hipertrofia das imagens. “Vínculos sonoros: o rádio e os múltiplos tempos”, de José Eugenio Menezes, é um estudo sobre como as ondas sonoras se ampliam e reverberam nos corpos dos homens, gerando as teias de vínculos sociais. O rádio participa da sincronização rítmica que reitera o tempo da cidade por meio da audição, sentido central dos humanos. Já Renato Vaisbih dialoga com Vilém Flusser no artigo “O rádio e o neonomadismo”, indicando que, numa nova “catástrofe”, termo proposto por Flusser, “as casas estão cheias de buracos e se tornam cada vez menos habitáveis” (p.212). O espaço privado, repleto de “janelas” que permitem a entrada das imagens, confunde-se com o espaço público. Por sua vez, Heloísa Duarte Valente busca nas divas do canto um balanço entre voz e corpo, no artigo “Madonna, madonnas e *prime-donne*”. Estudando a genealogia das divas, mostra como a virtuosidade das cantoras permite que elas sejam tratadas como divindades.

A gruta de Lascaux foi fechada à visitação pública em 1963, mas os temas abordados nesse livro nos permitem continuar a contar e a ouvir narrativas complexas e lúdicas, como nos tempos em que morávamos em cavernas.

Rodrigo Fonseca Fernandes é mestrando em Comunicação na Faculdade Cásper Líbero.